

Eminência Reverendíssima, D. Odilo Scherer, grão-chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;

Eminência Reverendíssima, D. Claudio Hummes, nosso ex-grão-chanceler;

Excelências Reverendíssimas, membros do Conselho Superior da Fundação São Paulo D. Carlos Lema Garcia e D. Luiz Carlos Dias;

Sr. Rossieli Soares, ilustre Secretário da Educação do Estado de São Paulo;

Sr. Fernando Padula Novaes, Ilustre Secretário Municipal de Educação;

Dignos Conselheiros, membros do Conselho Universitário da PUC-SP;

Senhores Representantes da Associação de Professores da PUC-SP (APROPUC), Prof. Me. João Batista Teixeira da Silva, e da Associação de Funcionários Administrativos da PUC (AFAPUC), Sra. Maria Helena Gonçalves Borges;

Ilustres Professores eméritos da Universidade hoje presentes

Senhores Diretores de Faculdades, Coordenadores de Cursos e Programas de Graduação e Pós-Graduação da PUC-SP;

Colegas de jornada na Reitoria;

Professores, funcionários e estudantes da PUC-SP;

Demais convidados aqui presentes ou que nos assistem;

Boa noite.

Antes de mais nada é preciso mencionar nosso pesar pelos 575.000 mortos em solo brasileiro, por COVID 19, em menos de dois anos. Dentre esses mortos estão membros de nossa comunidade. Sentimos cada perda e nos solidarizamos com suas famílias, seus amigos e colegas.

No mundo e no Brasil, travamos uma guerra: de assalto e de guerrilha.

Com múltiplos inimigos: a doença, a ignorância, a inoperância, a mentira, o descaso, os interesses pessoais e econômicos, os projetos políticos desavisados, perigosos e anti-democráticos.

Sabemos que a resiliência é constitutiva da vida e – muito especialmente – da vida humana e esta tragédia (em boa parte evitável) será superada, embora não possa ser esquecida: precisaremos registrar as perdas das vidas individuais e também construir as histórias (dentro

da história) de vitórias e de responsabilidades, de empenho e de culpabilidades. Aí está mais uma tarefa para as Universidades.

Mas hoje celebramos outra história: dos 75 anos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em 28 de novembro de 2016, neste mesmo espaço, utilizei como metáfora para falar sobre universidades. A cachoeira descrita em romance de Guimarães Rosa (que disse): "*O senhor vê: existe cachoeira... Mas cachoeira é barranco de chão e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma?*"

Passados cinco anos, a metáfora (geográfica e filosófica) ainda me parece apropriada. Agora para tratar um pouco de nossa história. (*deve ser por conta da importância que damos à interdisciplinariedade*).

Mas universidades-cachoeiras são recentes no Brasil. A Universidade brasileira é tardia. Não por acaso. Universidades são instituições que – mesmo quando não se constituem como (ou não pretendem ser) instituições progressistas – contribuem para o desenvolvimento, para novas ideias, novas práticas e tradições sociais. Contribuem para a mobilidade social, para o enriquecimento cultural e para a novidade social, intelectual, política, tecnológica.

Universidades são instituições **necessárias**, para a soberania de um país, para o bem-estar do seu povo e para a construção de sociedades que respeitam a cidadania. Universidades são necessárias **para humanizar o mundo** (Mistral).

No Brasil, as universidades foram proibidas pela coroa portuguesa em tempos de colônia e foram alvo de discussões infundáveis sobre o modelo a ser seguido na 1ª república e apenas em 1920 criou-se a primeira **Universidade** brasileira (Universidade Nacional). No estado de São Paulo, a primeira universidade - a Universidade de São Paulo - foi instituída apenas em 1934.

Inicialmente proibida de constituir universidades no Brasil (na contramão da história das universidades no mundo), a Igreja Católica (que esteve presente na educação superior com escolas isoladas de maneira importante desde os séculos XVII e XIX) finalmente obteve, em 1945, autorização para criar sua primeira universidade. Cria-se, assim, a Universidade Católica do Rio de Janeiro – a 6ª universidade brasileira - e já no ano seguinte, em 22 agosto de 1946, a Universidade Católica (do Estado) de São Paulo, mantida pela Fundação São Paulo desde outubro de 1946, e logo depois (1947) transformada em Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Somos uma das 10 primeiras universidades brasileiras.

Cardeal Motta (*com dois ts*) foi nosso primeiro Grão Chanceler. O professor Prof. Gastão Liberal Pinto consta do registro inicial como reitor, logo seguido (ainda em 46) por Dom Paulo de Tarso Campos, que se manteve no cargo de 1946 a 1958. Doutor Aquino (*que alguns de nós conhecemos pessoalmente*) foi o funcionário número 1.

Se universidades são como cachoeiras, podemos imaginar que a nossa cachoeira, como muitas transformações geográficas, não se deu em um só momento de explosão. O barranco formou-se inicialmente por sedimentação, pelo depósito continuado – ainda que não uniforme – de conhecimentos, instituições e experiências mais antigas.

Como ocorreu com tantas outras universidades brasileiras entre os anos 30 e 50, a PUC-SP iniciou suas atividades (1947), incorporando duas instituições: a Faculdade Paulista de Direito e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, de 1908. Outras instituições eram chamadas de “agregadas”: A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas, a Faculdade de Engenharia Industrial de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto *Sedes Sapientiae*.

Assim há pelo menos 113 anos - desde 1908 – formaram-se as primeiras terras que se tornariam o barranco pelo qual correriam as águas da PUC. Pouco a pouco o terreno foi se alterando, ora recuando, ora avançando.

Após o impulso inicial de “sedimentação” de terra que se transforma em barranco e permite que pouca água se escoe sobre ele, entre 1948 e 1959, incorporaram-se à PUC-SP inúmeras outras instituições: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto *Sedes Sapientiae*, a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais (1949), a Faculdade de Medicina de Sorocaba (1949), a Escola de Enfermagem Coração de Maria (1955) e a Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção (1949 e 2006).

E assim pouco a pouco, a água que se derrama sobre o barranco foi se tornando mais caudalosa, mais alargada, mais retumbante.

Em 1947, o Brasil tinha uns poucos milhares de estudantes universitários ou de ensino superior e um punhado de universidades que podíamos “contar nos dedos”. **Universidade era coisa para poucos.**

A PUC-SP contava com 319 estudantes: de Direito, Filosofia, Matemática, História e Geografia, Ciências Sociais, Letras Clássicas e Pedagogia (Talvez possamos incluir nessa conta outros 400 das unidades agregadas...)

75 anos depois a realidade é outra. São mais de 2.000 instituições de ensino superior, e perto de 300 Universidades no Brasil. Os estudantes de ensino superior beiram a casa dos 8 milhões, metade deles matriculados em Universidades. **E ainda não é suficiente. Perdoe-me o**

Ministro!

Na PUC-SP, são 18.000 estudantes, mais de 1.200 professores, mais de um milhar de funcionários. São 35 cursos de graduação, 30 cursos de mestrado, 22 cursos de doutorado, 35 cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização), 25 programas de residência médica e 1 residência de enfermagem. A Universidade continua presente nas tradicionais áreas de humanidades, ciências sociais, ciências sociais aplicadas e letras que a caracterizaram inicialmente. E hoje está presente também nas áreas de artes e engenharias. É referência na área médica e de saúde, cresce na área de computação e dá passos importantes em áreas de tecnologia. De 1990 a 2019 (um recorte de 29 anos, permitido pelos dados em minhas mãos), a PUC-SP emitiu quase 100.000 diplomas de graduação (99.150), mais de 25.000 títulos de mestrado (25.532) e quase 9.000 diplomas de doutorado (8.615).

A universidade presta serviços à comunidade externa nas áreas médica e de saúde, educação, artes, assistência social, atendimento jurídico, para não falarmos das profundas e amplamente reconhecidas raízes com a cidade e o país, destacando-se como espaço de acolhida democrática e calorosa a movimentos sociais, artísticos, intelectuais e como palco de tantas e tão importantes reflexões, discussões e disputas sobre os caminhos, perspectivas e destinos possíveis de nosso país. O TUCA, o Hospital Santa Lucinda, o Escritório Modelo da Faculdade de Direito, a Clínica Psicológica, a Derdic, a editora da PUC, a TVPUC, Cedec e tantos outros serviços são referência em suas áreas de atuação e são uma das boas medidas de nosso impacto social.

A Universidade está presente, ainda, na produção e difusão do conhecimento que são vitais para o Brasil como nação independente, soberana e capaz de refletir, discutir e projetar seu próprio futuro. Um levantamento recente indica que nossos docentes, em dois anos (2018 e 2019), publicaram 2.200 (2190) artigos, sendo 48% deles no que se denomina como extratos superiores de qualidade de periódicos científicos. No mesmo período, também publicaram 2500 capítulos e livros e mais de 3500 outros produtos bibliográficos.

Todas essas estatísticas são um indicativo da potência da Universidade.

Assim como cachoeira que retomba, que explode em múltiplos e coloridos esparramos de água e que se mistura às águas por onde cai, produzindo energia - e energia limpa - nossa universidade, e falo aqui da PUC-SP e do sistema universitário brasileiro, com sua capacidade

de formação, de prestação de serviços e de produção científica, técnica e intelectual retomba e explode, produzindo caminhos e futuro.

Universidade é potência: do conhecimento que soluciona problemas, inclui populações e participa do desenvolvimento social. Universidade é energia: que cria riqueza, possibilidades de justiça e equanimidade, sem temer transformação.

E assim é a nossa universidade. De espaço vazio, a PUC-SP se constituiu em cachoeira: forte, potente e bela. Lugar de fruição, lugar de admiração, lugar privilegiado para a reflexão e para a descoberta.

Como todos sabem, inovamos: com áreas de conhecimento que, em alguns casos, formaram-se no Brasil a partir da experiência da PUC-SP; com o ciclo básico, que permitia uma nova experiência de formação humanista e generalista inexistente no país; com a pós-graduação que se inaugurava no Brasil, assumindo o compromisso de pesquisa e formação de pesquisadores e quadros acadêmicos; com cursos inovadores e áreas de atuação desconhecidos que exigiram e produziram competências de pesquisa e formação. Esses entre outros inventos puquianos.

Inovamos com as formas de organização acadêmica, que têm, talvez, como melhor exemplo a escolha pelo Cardeal Arns de uma mulher como Reitora, já em 1976 – nossa querida e admirada Dra. Nadir Kfoury. E depois – para completar – com a consulta à comunidade para a indicação de reitor ou reitora pelo nosso Grão Chanceler (já a partir de 1980).

Inovamos em nossa coragem no enfrentamento da ditadura, que de tantas maneiras tentou dobrar as universidades e extinguir a liberdade de pensamento e cátedra. Trouxemos para os nossos quadros - com o apoio e insistência de nosso Grão Chanceler D. Paulo Evaristo Arns - intelectuais que eram perseguidos ou compulsoriamente aposentados pela ditadura. Demos liberdade de reunião a intelectuais e estudantes e de muitas formas resistimos às investidas à liberdade. Fomos atacados, perseguidos e tivemos nosso principal campus invadido. Mais uma vez, resistimos. Os ataques e a resistência estão marcados nas paredes deste TUCA que foi incendiado criminosamente mais de uma vez (1984), mas continua vivo.

Criamos e tivemos que resolver problemas - de maneiras dolorosas e agudas muitas vezes: nossa(s) crise(s) financeira(s), nossas maneiras de planejar, instituir ou conduzir estruturas, projetos e programas administrativos e acadêmicos. Fomos e voltamos algumas vezes.

Tivemos que aprender a conviver em contextos novos, marcados por mudanças sociais, políticas, tecnológicas e de conhecimento que se aceleraram exponencialmente nesses anos.

Aprendemos a viver em um cenário institucional e acadêmico a cada dia mais competitivo e exigente, em contextos e demandas de formação que mudam às vezes muito rapidamente para nossos ritmos, em um país no qual as políticas públicas de ciência, tecnologia e educação oscilam e as realidades regionais e locais são muito diversas.

Enfrentamos, como instituição, desafios acadêmicos, acertos e desacertos dos riscos financeiros; as ameaças da ditadura e das reviravoltas da política brasileira; as dificuldades de nossa condição como universidade; as agruras de um país pobre, desigual, socialmente injusto e marcado por uma elite muitas vezes “perigosa”.

Acertamos e erramos na busca de soluções. Mas experimentamos, criamos caminhos e construímos tradições.

A PUC-SP tonou-se exemplo de espaço democrático, com livre circulação de pessoas e ideias, constituiu-se em instituição exemplar em sua estrutura colegiada e escolhida por pares.

Essas 7 décadas e meia estão por toda parte: nas maneiras como somos percebidos, nas diferentes perspectivas como vemos uns aos outros, no reconhecimento de nossa qualidade acadêmica e de nossas competências, nas possibilidades, desafios e problemas que antevemos em nosso futuro.

Como assinalado por Ítalo Calvino – “*as marcas de nossos anos contidas em nossas mãos... nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, ... cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras*” são parte de nossa universidade.

Esse percurso não foi sempre fácil. Mas chegamos aqui – ao presente.

Falta o futuro... E quero falar de esperança.

Parafraseio Mário Quintana. Assim como *livros*, Universidades “*não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. [As universidades] mudam as pessoas*”. As universidades produzem as pessoas que produzem a sociedade. **São necessárias, são para muitos, são indispensáveis.** Se temos ou ambicionamos ter um futuro como sociedade, precisaremos ter universidades. Mas para construirmos um futuro teremos que assumir compromissos e permitir que tais compromissos sirvam de guias, de marcos e de marcas de nossos projetos e ações.

Aqui vão nossas guias

- Enfrentamos, ainda hoje, um esforço de inclusão – dos não brancos, daqueles que habitam as preferências das cidades, e daqueles oriundos de famílias de baixa renda, as mulheres, as

pessoas com deficiência. Não há pessoa que “não mereça” a experiência da universidade. Teremos, então, que trabalhar pela inclusão, pelo crescimento das universidades e pela nossa capacidade de atrair e transformar jovens vidas em vidas cidadãs.

- Temos, ainda por resolver, um enigma. Como realizar, como promover, o difícil equilíbrio entre reprodução de conhecimentos bem estabelecidos - com os quais nos sentimos confortáveis - e a construção de novas arquiteturas de pensamento.

- Precisamos abrir as picadas que nos levarão - por novos caminhos - a trilhar outras e novas áreas de conhecimento, outros mundos técnicos, tecnológicos, enfrentando o novo e o desconhecido, que são sempre assustadores.

- Precisamos definir - e descobrir - como participaremos - ativamente e substantivamente:

- da busca pela solução dos problemas ambientais que ameaçam as vidas das novas gerações e do planeta; E

- da busca pela diminuição acelerada da extrema desigualdade que carrega consigo a miséria, o individualismo exacerbado, o compromisso apenas com a satisfação no presente.

Esses são desafios inadiáveis. Podem às vezes parecer intransponíveis. Não são.

Mais uma vez, emprestando do alheio, cito Mário Quintana:

“Não há nada como um sonho para criar o futuro. O que é utopia hoje, pode ser realidade amanhã.

Boa noite”

Maria Amalia Andery

Reitora PUC-SP

24 de agosto de 2021